



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16689 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

Leituras audiovisuais na educação: proposta para produção de sentidos em interação

Analice Dutra Pillar - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Gilvania Mauricio Dias de Pontes - UFRN - PPGEEsp - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Tatiana Telch Evalte - PPGEDU/UFRGS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/UFRGS/FAPERGS

### **LEITURAS AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO:**

#### **PROPOSTA PARA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM INTERAÇÃO**

**RESUMO:** O texto apresenta alguns princípios de uma proposta de leitura audiovisual para educação, a qual foi elaborada em mais de 20 anos de pesquisas envolvendo criações das artes visuais, das mídias e do cotidiano; e realizada em diferentes contextos da educação básica – educação infantil, ensino fundamental, ensino superior – de modo a aprimorá-la. A abordagem teórico-metodológica da proposta está ancorada nos estudos sobre leitura de imagens (Barbosa, Acaso, Efland, Freedman, Sthur), nos aportes da cultura visual (Freedman, Hernández) e da semiótica discursiva (Landowski, Fachine, Médola, Hernandez, Teixeira), com foco nos efeitos de sentido que os procedimentos, que articulam as diferentes linguagens no audiovisual, possibilitam. Ao focar os efeitos de sentido considera-se que os sentidos são produzidos por aqueles que concebem uma determinada criação e apreendidos por quem interage com tal objeto, com as informações que possui e no contexto sociocultural em que se encontra. A proposta de leitura audiovisual visa possibilitar aos estudantes da educação básica um entendimento crítico tanto dos discursos como das articulações entre as linguagens visual e sonora que geram o efeito audiovisual; contribuir com estudos sobre leituras de produções audiovisuais na educação; dar visibilidade a diversas criações audiovisuais na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação audiovisual. Ensino de artes visuais. Proposta de leitura audiovisual. Produção de sentidos.

As narrativas audiovisuais, presentes das mais diversas formas em nosso cotidiano,

habitam nossos pensamentos/sentimentos e sua leitura envolve conferir sentido às relações entre o que vemos e ouvimos, que produzem o efeito audiovisual. Narrativa como um discurso que organiza determinadas ações num espaço e numa sucessão temporal, podendo se manifestar através de distintas materialidades. Ao discutir o conceito de narrativa, Aumont (2008, p. 106) diz que “a narrativa é o enunciado em sua materialidade, o texto narrativo que se encarrega da história a ser contada.” Desse modo, uma narrativa pode se referir a um evento real ou imaginado, o qual tem um início, um encadeamento de ações e um fim, apresentando uma certa coerência. Em cada linguagem as narrativas assumem e se manifestam através de características específicas.

Com relação às narrativas audiovisuais, Aumont (2008, p. 106) observa que o enunciado audiovisual “compreende imagens, palavras, menções escritas, ruídos e música, o que já torna a organização da narrativa fílmica mais complexa.” O autor refere, ainda, que o modo como a narrativa está organizada e o ritmo em que ela se apresenta conduzem a uma determinada leitura concebida através de efeitos narrativos que provocam os sentidos de suspense, surpresa, humor. Esses efeitos estão relacionados, conforme Aumont (2008, p. 108), “tanto à organização das partes do filme (encadeamento de sequências, relação entre a trilha sonora e a trilha de imagem) quanto à direção, entendida como organização metódica dentro do quadro.”

No ensino de artes visuais o termo leitura abarca uma multiplicidade de abordagens, as quais estão ancoradas em distintas concepções e enfoques teóricos. Ana Mae Barbosa (1991) reporta possibilidades de leitura visual e ressalta a importância de conhecermos as especificidades da linguagem visual e do audiovisual para aprimorar nossa experiência de leitura. A autora destaca que não há uma leitura, que não compete ao educador indicar “a” leitura das produções, mas instigar os estudantes a criarem os seus sentidos, conforme seus interesses e conhecimentos.

A respeito da leitura visual ou audiovisual, María Acaso (2006) diz que ler consiste em deter o olhar no que se vê, compreender o que e como uma produção se mostra ao nosso olhar. A leitura implica, assim, uma ação curiosa de um sujeito em presença de uma produção visual ou audiovisual buscando construir efeitos de sentido a partir do que seus sentidos conseguem perceber, suas informações e o contexto sociocultural em que se encontra. A autora considera criações das artes visuais e das mídias enfocando suas narrativas em relação ao que se propõem apresentar, se macronarrativas ou micronarrativas.

Efland, Freedman e Stuhr (2003) mencionam quatro autores que contribuíram para repensarmos o que e como estamos ensinando, aqui em especial, que leituras audiovisuais estamos propiciando. Referem Lyotard, ao problematizarem o que apresentamos aos estudantes, se apenas metarrelatos, ou seja, obras de arte de artistas europeus e estadunidenses, que privilegiam uma narrativa hegemônica considerada universal, excluindo e desprezando outras formas de arte, ou se são analisadas criações de outras culturas. Outro autor é Foucault, ao discutirem as questões de poder que perpassam nossas relações com os

conhecimentos e que conferem vantagens a determinados grupos sociais em detrimento de outros, o que pode ser analisado nas produções audiovisuais. Ao abordar as diferentes leituras que as produções visuais e audiovisuais possibilitam, os autores citam a teoria da desconstrução de Derrida, cujo foco está no leitor e nas interações que estabelece em determinado contexto cultural. E por fim é mencionado Jencks, com a teoria da dupla codificação, que aponta a intertextualidade, a ironia, a ambiguidade e a contradição nas obras, destacando a presença de códigos antigos e contemporâneos num mesmo objeto.

A leitura, com base nos estudos da cultura visual (Freedman, Hernández), procura desconstruir as narrativas visuais e audiovisuais que se colocam como universais, problematizando as inter-relações das representações de classe social, gênero, raça, etnia para analisar as relações de poder que engendram. Freedman (2006, p. 2) ressalta que “as pessoas se apropriam das características das representações visuais adotando tais representações como descrições de si mesmas”. Hernández (2005, p. 9) observa que “a cultura visual como conceito e como campo de estudos oferece uma série de marcos teóricos e metodológicos para repensar o papel das representações visuais do presente e do passado e os pontos de vista dos sujeitos”.

A semiótica discursiva (Landowski, Fecine, Médola, Hernandes, Teixeira) busca descrever como se dá a produção e apreensão de efeitos de sentido em textos — sejam eles verbais, visuais ou sincréticos —, situações ou experiências sensíveis, a partir da análise das relações entre o que aborda e como o apresenta. A leitura de um texto envolve desconstruí-lo, identificando tanto suas qualidades sensíveis quanto seus significados, e reconstruí-lo para entender como as relações entre suas características expressivas e discursivas significam, desde um olhar imerso numa cultura, em uma certa época e lugar. A leitura é, então, um modo de compreender o que e como as narrativas audiovisuais se mostram.

Landowski (2017) tem denominado, o que estamos chamando leitura, como apreensão de efeitos de sentido através das interações sensíveis e inteligíveis que permeiam nossas relações cotidianas com as pessoas, com os textos e com as situações. A respeito das interações interpessoais o autor refere que podem se dar de diferentes modos, seja por manipulação, programação, ajustamento ou acidente. O sentido é, portanto, uma construção de cada sujeito, com seus interesses e informações, em diálogo com o que está posto nos objetos, sejam eles textos, situações ou experiências sensíveis, e com o contexto que o acolhe.

Em relação às produções audiovisuais, Médola (2000), Hernandes (2005), Fecine (2009) e Teixeira (2004) têm propiciado subsídios teórico-metodológicos sobre os procedimentos que articulam os sistemas visual e sonoro para constituir o discurso audiovisual. Ao discutir as diferentes linguagens e suas articulações no texto audiovisual, Médola (2000, p. 202) ressalta que “no registro televisual tanto o som quanto a imagem oferecem possibilidades de abrigar várias linguagens simultaneamente”. No sistema visual podemos identificar as linguagens verbal escrita, imagética, cenográfica, gestual e a moda; e no sistema sonoro, as linguagens verbal oral, da música e os ruídos. Interessa, então, analisar

como as diversas linguagens se vinculam para produzir efeitos de sentido.

Hernandes (2005, p. 228) indica que as “tomadas de câmera, sons, músicas, iluminação, cenários, figurinos entre muitos outros elementos possíveis, constroem um todo de significação”. O autor (2005, p. 228) menciona os efeitos de sentido que estes dispositivos provocam e observa que “a ideia de efeito implica verificar que os sentidos foram construídos, ou seja, pensados para causarem certas impressões e redundarem em determinados atos”. Desse modo, ao analisarmos as significações em um audiovisual, estas partem das relações criadas entre as diversas linguagens e os discursos que aportam.

Fechine (2009) afirma que numa produção audiovisual a construção que relaciona o visual e o sonoro confunde-se com os processos de montagem, os quais envolvem diferentes estratégias expressivas e discursivas. Na constituição do efeito audiovisual, a autora considera o ritmo como um elemento chave e procura descrever os modos como ele se manifesta nos sistemas visual e sonoro. A autora observa, ainda, que as relações entre os ritmos no vídeo (movimento visual) e no áudio (tempo sonoro) podem ser estabelecidas, em termos gerais, por consonância, quando as categorias expressivas forem as mesmas, ou dissonância, quando forem opostas. As correspondências consonantes ou dissonantes estão ligadas a efeitos de agradabilidade e desagradabilidade (sincronia e assincronia). As articulações entre o que se vê e o que se ouve criam um efeito audiovisual, com coincidência temporal ou não entre imagem e som, o que provoca sensações seja de coerência em relação ao percebido ou de estranhamento.

Ao estudar o modo de produção de sentido na relação entre o verbal e o não-verbal, Teixeira (2004) destaca a oposição entre reiteração e contraponto. A reiteração diz respeito a repetição de procedimentos para criar um efeito de redundância. Já a redundância não é mera repetição, mas acúmulo, adensamento de sentidos e pode causar sínteses e discordâncias, inserir nuances ou correções. E “o contraponto supõe a simultaneidade de contraste e identidade (...) podendo variar numa escala que vai do máximo de identidade ao máximo de contraste” (Teixeira, 2004, p.8). Nessa relação entre reiteração e contraponto quanto mais intensa, mais se acentuam os contrastes; e quanto menos intensa, mais diluídos eles se tornam.

Na proposta de leitura audiovisual importa, na seleção das produções a serem exibidas e analisadas na escola com os estudantes, contemplar tanto criações das artes visuais como das mídias e do cotidiano, abarcando diferentes discursos, abordagens e contextos. Nas artes visuais, as videoartes têm por foco o uso do vídeo como meio de expressão estética, envolvendo experimentações com imagens e sons, narrativas lineares e não lineares, fragmentadas. As produções exibidas nas mídias – seja na televisão, nas redes sociais, na internet – envolvem propagandas, desenhos animados, filmes de animação, séries, programas, novelas, que possibilitam leituras as mais diversas. Cotidianamente são feitos vídeos de situações, eventos, criações, que podem ser lidos criticamente.

Sobre o modo de apresentação das produções, interessa assistir junto com os

estudantes e realizar leituras interativas, em que o professor não indique uma leitura, a partir de um roteiro programado; nem direcione as leituras dos estudantes através de estratégias de manipulação; mas que procure construir os sentidos junto com os estudantes, a partir da desconstrução e da reconstrução de cada uma das produções escolhidas, evidenciando algumas redes de significações.

Em relação aos estudantes, a proposta envolve conhecer o contexto em que o trabalho está inserido e o contexto do leitor/estudante; o que apreendem do audiovisual; como percebem as qualidades sensíveis no vídeo (as imagens, as tomadas de câmera, a iluminação, os cenários, os figurinos, as cores, a linguagem verbal escrita) e no áudio (a música, a linguagem verbal oral, os sons), bem como suas relações para produzir o efeito audiovisual. Aqui, é importante considerar a idade dos estudantes, as informações que possuem sobre o audiovisual, suas apreensões sensíveis e inteligíveis de cada produção.

Para tal é preciso assistir junto com os estudantes uma produção e interagir estendendo o tempo de apreensão do audiovisual, propiciando, a partir do que percebem, fazer questões provocadoras considerando as competências de leitura dos estudantes. Ao analisar produções audiovisuais importa identificar os diferentes elementos que a compõem e como se relacionam; considerar os discursos que aborda e o contexto sociocultural em que está inserida; procurar apreender os efeitos de sentido que suscita.

Com essa proposta se busca possibilitar aos estudantes da educação básica um melhor entendimento do audiovisual, tanto das articulações entre as linguagens visual e sonora que criam o efeito audiovisual, como dos discursos que apresentam; contribuir com estudos sobre leituras de produções audiovisuais na educação; dar visibilidade a diversas criações audiovisuais na escola.

## Referências

ACASO, María. **Esto no son las Torres Gemelas**: cómo aprehender a leer la televisión y otras imágenes. Madrid: Catarata, 2006.

AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Campinas: Papirus Editora, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003.

FECHINE, Yvana. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação**: desenvolvimento de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 323-370.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2006.

HERNANDES, Nilton. Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do Mundo. In: LOPES, Ivã C.; HERNANDES, Nilton. (orgs.). **Semiótica**: objetos e práticas. São Paulo:

Contexto, 2005. p. 227-244.

HERNÁNDEZ, Fernando. De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n.2, p. 9-34, jul/dez 2005.

LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MÉDOLA, Ana Silvia D. A articulação entre linguagens: a problemática do sincretismo na televisão. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia; CAMARGO, I. **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2000. p. 201-209.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. **Gragoatá** - Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói, v. 16, p. 209-227, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33349>>(acessado em 20/07/2024).